

UM CRIMINOSO

RUBEM BRAGA

SE é verdade que o Elias Dib, do Bar Pôrto Alegre (o «Vermelhinho»), vendia cigarros americanos contrabandeados, têm razão o delegado e o fiscal de impôsto aduaneiro que apreenderam os cartões e prenderam o Elias. Não vou criticá-los por haverem cumprido seu dever; mas confesso que acho uma injustiça estar o Elias prêso sem direito a fiança e com um processo duro pela frente.

Acontece que são muito numerosos os cafés e bares que vendem cigarros americanos. Todo camarada que tem hábito de fumar êsses cigarros, sabe onde encontrá-los em Copacabana ou no Centro; e isso não é de hoje. É, assim, um tipo de comércio de contrabando longamente tolerado. Impossível imaginar que os fiscais aduaneiros e a polícia não saibam isso, quando tôda gente sabe, inclusive eu, que fumo cigarro brasileiro.

É claro também que nesse negócio de contrabando, quem menos ganha é o pequeno comerciante, que é o último elo da corrente. No lugar de prender o Elias, não seria melhor vigiar sua tabacaria para apurar de onde êle recebia os cartões? Isso permitiria à polícia e ao fisco chegar à uma escalação superior do contrabando e, possivelmente, remontando a corrente, a um grande contrabandista. Note-se que Elias é um homem que paga impostos pelo seu velho e apertado varejo, enquanto muitos vendedores de cigarros americanos não pagam impôsto algum, pois os vendem em seus apartamentos ou nas grandes emprêsas e repartições; que Elias vende também e principalmente cigarros brasileiros, além de caramelos e outras miudezas — enquanto seus competidores e seus fornecedores só vendem cigarro americano.

Estou escrevendo estas coisas porque, embora raramente trocasse duas palavras com Elias, eu o conheço pelo menos há 22 anos, desde os tempos em que Vinicius de Moraes, o escultor Ceschiatti, o crítico Flávio de Aquino e tôda uma chusma de pintores, escritores e jornalistas, se encontravam tôda tarde no Vermelhinho. Hoje passo raramente por ali; mas através dos anos, vi o Elias ir envelhecendo, ficando calvo e com os cabelos das têmporas alvejando. Aquêle homem que está ali, no mesmo local, com o mesmo negócio, trabalhando em pé durante pelo menos dez horas por dia — não, eu não me conformo em pensar que êle seja um criminoso.

Vi-o há coisa de uns quinze dias, no seu modesto batente, e o achei envelhecido: êle com certeza acharia o mesmo se me visse, mas estava ocupado em fazer trôco para um freguês, enquanto dois outros faziam seus pedidos ao mesmo tempo.

O delegado e o fiscal têm razão; mas eu peço licença para pensar que êles poderiam combater o crime no Rio e restaurar as finanças do Brasil — sem começar pelo Elias!

19-9-66